


**INTERNACIONALIZAÇÃO E PESQUISA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS:
DESAFIOS, REALIDADES E PERSPECTIVAS**

**INTERNATIONALIZATION AND RESEARCH IN THE CONTEXT OF THE
HUMANITIES: CHALLENGES, REALITIES, AND PERSPECTIVES**

**INTERNACIONALIZACIÓN E INVESTIGACIÓN EM EL CONTEXTO DE LAS
CIENCIAS HUMANAS: RETOS, REALIDADES Y PERSPECTIVAS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-113>

Data de submissão: 13/09/2025

Data de publicação: 13/10/2025

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos

Pós-Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: guilherme.mendes@ufrn.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9086-669X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1594838390650861>

Magali Cristiane Ferreira Novais

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Federal de Rondônia (Unir), Prefeitura Municipal de Vilhena -
Rondônia

E-mail: magnovais@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0142-3746>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1248141396906325>

Alejandro Arango Correa

Mestre em Gestão da Inovação Tecnológica, Cooperação e Desenvolvimento Regional

Instituição: Instituto Tecnológico Metropolitano (ITM) - Colômbia, Corporación

Universitaria Remington - Colombia

E-mail: alejandro.arango@uniremington.edu.co

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9320-7347>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7398490886678690>

Jaime Eduardo González Díaz

Doutor em Ciências Sociais

Instituição: Universidad del Zulia (Luz) - Venezuela, Corporación Universitaria Rafael Núñez
- Colômbia

E-mail: jaime.gonzalezd@campusuninunez.edu.co

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9441-5543>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6734196472067725>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a internacionalização da pesquisa científica, destacando a colaboração entre diferentes países, instituições e culturas para o desenvolvimento de projetos conjuntos. A pesquisa investiga como essas parcerias influenciam a produção de conhecimento e propõem soluções para problemas globais complexos. A metodologia adotada foi uma pesquisa

bibliográfica de caráter qualitativo, com revisão de literatura sobre a temática da internacionalização em fontes acadêmicas e documentos institucionais de organismos como a Unesco, a Cepal e o Banco Mundial. Os resultados indicam que a internacionalização facilita o compartilhamento de métodos, recursos e conhecimentos, promovendo avanços científicos. Contudo, também levanta questões sobre dependência financeira e os interesses de organismos internacionais no apoio a tais iniciativas. O artigo conclui que, embora a internacionalização seja um instrumento relevante para o avanço da ciência, é necessário um olhar crítico sobre as intenções e impactos das parcerias internacionais no contexto da pesquisa científica e nas ciências humanas.

Palavras-chave: Internacionalização da Pesquisa. Colaboração Científica. Produção de Conhecimento. Ciência Global.

ABSTRACT

This article aims to analyze the internationalization of scientific research, highlighting collaboration between different countries, institutions, and cultures for the development of joint projects. The research investigates how these partnerships influence knowledge production and proposes solutions to complex global problems. The methodology adopted was qualitative bibliographic research, with a review of the literature on the theme of internationalization in academic sources and institutional documents from organizations such as Unesco, Cepal, and the World Bank. The results indicate that internationalization facilitates the sharing of methods, resources, and knowledge, promoting scientific advances. However, it also raises questions about financial dependence and the interests of international organizations in supporting such initiatives. The article concludes that, although internationalization is an important tool for the advancement of science, it is necessary to take a critical look at the intentions and impacts of international partnerships in the context of scientific research and the humanities.

Keywords: Internationalization of Research. Scientific Collaboration. Knowledge Production. Global Science.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la internacionalización de la investigación científica, con destaque a la colaboración entre distintos países, instituciones y culturas para el desarrollo de proyectos conjuntos. La investigación analiza como esas colaboraciones influyen la producción del conocimiento y proponen soluciones para problemas globales complejos. La metodología adoptada fue una investigación bibliográfica de carácter cualitativo, con revisión de literatura sobre la temática de la internacionalización en fuentes académicas y documentos institucionales de organismos como Unesco, Cepal y el Banco Mundial. Los hallazgos indican que la internacionalización facilita el compartimiento de métodos, recursos y conocimientos, promoviendo avances científicos. Sin embargo, también apunta cuestiones sobre la dependencia financiera y los intereses de organismos internacionales en el apoyo a tales iniciativas. El artículo concluye, aunque la internacionalización sea un instrumento relevante para el avance de la ciencia, es necesario una mirada crítica sobre las intenciones e impactos de las colaboraciones internacionales en el contexto de la investigación científica y en las ciencias humanas.

Palabras clave: Internacionalización de la Investigación. Colaboración Científica. Producción de Conocimiento. Ciencia Global.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da pesquisa tem se consolidado como uma das principais estratégias para o avanço da ciência em um cenário globalizado. A colaboração entre diferentes países, instituições e culturas tem se mostrado essencial para o desenvolvimento de projetos científicos conjuntos que possibilitam a troca de conhecimentos, métodos e recursos. A crescente interdependência entre as nações, impulsionada por desafios globais como mudanças climáticas, pandemias e crises econômicas, exige uma abordagem colaborativa para a solução de problemas complexos, os quais, muitas vezes, ultrapassam as fronteiras geográficas e institucionais. Nesse contexto, a internacionalização se torna não apenas uma necessidade, mas estratégica para ampliar a produção de conhecimento e enfrentar questões de grande magnitude que impactam a sociedade.

O problema central desta pesquisa reside na análise da internacionalização da ciência e sua aplicabilidade na promoção da pesquisa acadêmica. Este estudo busca compreender como as parcerias entre países e instituições têm influenciado o desenvolvimento da ciência, destacando os benefícios e as limitações desse processo.

A relevância da pesquisa impacta tanto no âmbito acadêmico quanto social, pois o aprofundamento dessa temática contribui para o entendimento das dinâmicas globais da ciência, possibilitando uma reflexão crítica sobre os mecanismos de cooperação internacional. Além disso, proporciona um olhar sobre como a internacionalização pode afetar a produção científica em diferentes contextos, ampliando o acesso a novas metodologias e recursos, mas também suscitando questões relacionadas à soberania científica e à dependência de financiamentos externos.

A metodologia adotada para este estudo é de caráter bibliográfico e qualitativo, com ênfase na revisão teórica de literatura existente sobre o tema da internacionalização da pesquisa. Foram analisados artigos científicos, livros, relatórios e documentos institucionais de diferentes organismos que atuam no apoio à pesquisa, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal) e o Banco Mundial. A abordagem qualitativa permitiu uma análise crítica e interpretativa das diferentes perspectivas sobre o processo de internacionalização, considerando suas implicações para a pesquisa acadêmica e para o desenvolvimento científico global.

Assim, o presente estudo busca não apenas descrever, mas também analisar as condições e os efeitos dessa colaboração internacional, buscando contribuir para uma reflexão ampla sobre os desafios e as oportunidades que surgem com a expansão da internacionalização na ciência. Para tanto, abordaremos o percurso metodológico na seção dois. A seção três foi destinada para uma discussão sobre a finalidade da ciência. Já, na quarta seção, discutiremos o papel da pesquisa. Na seção cinco,

apresentamos a discussão teórico-reflexiva sobre a internacionalização. Por fim, a seção seis apresenta as considerações finais e, na sequência, listamos as referências que foram base deste artigo.

2 METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, fundamentada na análise de publicações acadêmicas relevantes sobre a internacionalização da pesquisa científica. A escolha desse método justifica-se pela necessidade de compreender o estado do conhecimento acerca da colaboração internacional na ciência, identificando conceitos, benefícios, desafios e impactos dessa prática (Morosini; Fernandes, 2014).

A revisão bibliográfica é essencial na construção do referencial teórico, pois permite mapear e sistematizar estudos já publicados, estabelecendo um panorama das discussões e avanços sobre o tema. Dessa forma, a pesquisa não apenas organiza o conhecimento existente, mas também possibilita a identificação de lacunas e perspectivas para investigações futuras. Conforme apresentado por Santos (2019, p. 15), “é importante denotar conhecimento crítico em sua revisão bibliográfica”, uma vez que essa etapa constitui o fundamento teórico da pesquisa e viabiliza a compreensão do que já foi investigado. Dessa maneira, a revisão da literatura não apenas organiza o conhecimento existente, mas também possibilita a identificação de diferentes perspectivas sobre o tema, permitindo a análise crítica dos estudos disponíveis:

Ao empreender a revisão teórica do tema, será possível perceber se a proposta de pesquisa já foi trabalhada anteriormente e em que nível de profundidade ou qual a abordagem foi empregada. Esta será a sua oportunidade de se diferenciar das demais pesquisas já realizadas, trabalhando a partir delas, colaborando um pouco mais no avanço dos entendimentos pertinentes ao tema (Santos, 2019, p. 17).

Para garantir a abrangência e a relevância das fontes consultadas, a pesquisa foi realizada em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), *Web of Science*, *Scopus* e *Google Scholar*, além de documentos institucionais de organismos internacionais, como a Unesco e a Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os critérios de seleção incluíram a contemporaneidade das publicações, priorizando estudos dos últimos dez anos, bem como a aderência ao tema central do artigo.

A busca bibliográfica foi conduzida com o uso de palavras-chave em português. Entre os termos utilizados, destacam-se: "internacionalização da pesquisa", "colaboração científica internacional", "parcerias acadêmicas globais", "produção científica global" e "cooperação científica entre países". A seleção dos textos considerou a relevância dos estudos para a fundamentação teórica

do artigo, priorizando pesquisas que abordassem os impactos da internacionalização na ciência e na produção do conhecimento.

A análise dos dados coletados seguiu a abordagem qualitativa, por meio da leitura crítica e interpretativa dos textos selecionados. Os conteúdos foram organizados conforme as categorias temáticas previamente estabelecidas, permitindo a identificação dos principais argumentos, tendências e desafios apontados pela literatura. Esse processo possibilitou a construção de uma argumentação estruturada, embasada em diferentes perspectivas teóricas e empíricas sobre o tema (Sousa; Oliveira; Alves, 2021).

A opção pela revisão bibliográfica como metodologia justifica-se, portanto, pela sua capacidade de oferecer uma visão ampla e fundamentada do objeto de estudo, reunindo contribuições de diferentes pesquisadores e instituições (Santos, 2019; Sousa; Oliveira; Alves, 2021). Dessa maneira, o artigo buscou contribuir para a compreensão das ações da internacionalização da pesquisa científica, destacando estas na ampliação do conhecimento e na busca por soluções inovadoras para desafios globais.

3 O QUE É CIÊNCIA?

A ciência pode ser compreendida como um sistema estruturado de conhecimento que busca compreender, descrever e explicar fenômenos naturais, sociais e abstratos por meio de métodos sistemáticos e rigorosos. De acordo com Santos (2015, p. 16):

Toda ciência busca responder e interpretar o que ocorre na natureza, ou seja, os fatos. A palavra ciência provém do latim e significa conhecimento, saber. Cientistas se formam na capacidade de observação e desenvolvem o desejo de saber e entender fatos e coisas. Observar é fundamental para se fazer ciência, logo, gerar conhecimento.

Fundamentada na observação, experimentação e análise lógica, a ciência se baseia na formulação de hipóteses, na testagem empírica e na construção de teorias e modelos que permitem a previsão e o entendimento de diversos aspectos da realidade. Seu desenvolvimento está associado a um processo contínuo de questionamento e revisão, em que novos achados podem reformular ou aperfeiçoar conhecimentos previamente estabelecidos (Santos, 2015).

Observam-se analiticamente os fatos, gerando perguntas sobre estes, com o objetivo de entendê-los. Gerada a pergunta, buscam-se as possíveis respostas, ou hipóteses. Ao formular uma hipótese, empreende-se a reunião dos vários dados já disponíveis sobre tal assunto, formulados a partir de hipóteses anteriores. Pode-se notar que temos aqui um ciclo. Formulada a hipótese, caminha-se para a dedução, ou seja, compreender as implicações do fato, se a hipótese for verdadeira (Santos, 2015, p. 16).

Entre seus princípios fundamentais, destaca-se a objetividade, que exige que os processos de investigação sejam conduzidos sem interferências subjetivas ou preconceitos pessoais (Azevedo Júnior, 2022). A replicabilidade é outro aspecto essencial, garantindo que os métodos empregados possam ser reproduzidos por outros pesquisadores, conferindo confiabilidade aos resultados (Oliveira, 2018). Cabe destacar que, nas pesquisas qualitativas, a replicabilidade não se refere à reprodução exata dos resultados, mas sim à possibilidade de interpretar o percurso metodológico adotado. Os achados tendem a ser distintos, considerando as variáveis culturais, sociais, temporais e os sujeitos envolvidos, o que torna cada investigação qualitativa singular em sua essência. Ainda assim, a pesquisa realizada pode servir como base para novos estudos, permitindo diferentes interpretações e a emergência de resultados originais, ampliando o diálogo científico e aprofundando a compreensão sobre o fenômeno investigado.

A falseabilidade, conforme formulada no contexto da epistemologia, estabelece que as hipóteses científicas devem ser passíveis de refutação caso evidências contraditórias sejam encontradas (Penha, 2022).

Assentado nos fundamentos de que a ciência possui caráter racional e que suas teorias possuem caráter hipotético, o filósofo Karl Popper propôs o chamado princípio da falseabilidade, onde as teorias científicas que não concedessem possibilidade de refutação por meio de experimentação deveriam ser consideradas como mito ao invés de ciência (Vaz-Guimarães; Mourato; Andrade, 2021, p. 2).

Além disso, a sistematicidade assegura que o conhecimento seja produzido e organizado de maneira coerente, permitindo sua integração e avanço dentro de uma estrutura teórica abrangente (Silva Neto; Rodrigues; Ramos, 2023).

A ciência se apoia, ainda, no princípio da verificabilidade, que implica a necessidade de comprovação empírica para que uma afirmação seja validada como conhecimento científico. No entanto:

Segundo Popper, a observação científica, ao contrário, se baseia no método hipotético-dedutivo onde a busca de fatos particulares, depois de verificados, refutam a hipótese proposta; se baseada no método indutivo e na seleção dos fenômenos a serem investigados com o objetivo de se comprovar uma hipótese proposta, silogisticamente, o critério de **verificabilidade nem sempre pode ser validado**. Ademais, sendo uma ação humana, a ciência é passível de continuada transformação e o surgimento de incontáveis teorias (Vaz-Guimarães; Mourato; Andrade, 2021, p. 2, grifo nosso).

A intersubjetividade, por sua vez, sustenta que diferentes pesquisadores devem ser capazes de chegar a conclusões semelhantes ao aplicar os mesmos métodos a um fenômeno, reforçando a

credibilidade das descobertas. O caráter dinâmico da ciência permite que teorias sejam reformuladas à medida que novos dados são incorporados, promovendo a evolução do conhecimento e a adaptação dos paradigmas científicos às evidências disponíveis (Dalbosco, 2021).

A distinção entre ciência e outras formas de conhecimento baseia-se na aplicação de métodos rigorosos e na fundamentação empírica e lógica das conclusões. Embora a ciência não seja infalível, sua estrutura metodológica busca minimizar erros e assegurar que o conhecimento produzido seja o mais preciso possível dentro das limitações de cada campo de estudo (Alves, 1996; Chibeni, 2004).

Dessa forma, a ciência se estabelece como um dos principais meios de compreensão da realidade, possibilitando avanços tecnológicos, aprimoramento de políticas públicas e aprofundamento do entendimento sobre os mais diversos fenômenos que compõem o mundo natural e social.

4 O QUE É PESQUISA?

A pesquisa pode ser definida como um processo sistemático de investigação que visa gerar conhecimento, resolver problemas ou aprofundar a compreensão sobre determinados fenômenos. Fundamentada na aplicação de métodos científicos, a pesquisa se caracteriza pela coleta, análise e interpretação de dados, buscando assegurar a validade e a confiabilidade das informações obtidas. Sua realização permite o avanço do conhecimento em diversas áreas, além de contribuir para o desenvolvimento de novas tecnologias, a formulação de políticas públicas e a resolução de desafios científicos e sociais (Silveira; Córdova, 2009).

Os diferentes tipos de pesquisa variam conforme seus objetivos e abordagens metodológicas. A pesquisa básica tem como propósito expandir o conhecimento teórico sem a necessidade de aplicação imediata, sendo essencial para o desenvolvimento de novas teorias e conceitos científicos. Já a pesquisa aplicada busca soluções práticas para problemas específicos, utilizando o conhecimento teórico em contextos concretos (Fleury; Costa Werlang, 2016).

A pesquisa exploratória tem o intuito de proporcionar maior familiaridade com um tema pouco investigado, identificando padrões, hipóteses e direções para estudos futuros. A pesquisa descritiva objetiva caracterizar um fenômeno, detalhando suas particularidades e relações sem necessariamente investigar causas ou consequências.

A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever um fenômeno ou situação em detalhe, permitindo abranger com clareza as características de um indivíduo, um grupo ou uma situação, bem como desvendar a relação entre os eventos. Tem por finalidade observar, registrar os fenômenos sem se aprofundar. Neste caso a pesquisa deverá apenas descobrir a frequência que funciona o sistema, método, processo ou realidade operacional. Este modelo de pesquisa é usado quando a intenção do pesquisador é conhecer a comunidade, suas características, valores ou problemas relacionados à cultura. Neste contexto de pesquisa

descritiva se destaca algumas como: a espontaneidade que possui bases concretas no positivismo de Auguste Comte, é quando o pesquisador não interfere na realidade, apenas observa as variáveis que espontaneamente estão vinculadas ao fenômeno (Souza Pedroso; Silva; Santos, 2017, p. 1).

A pesquisa explicativa se concentra na identificação das relações de causa e efeito, buscando compreender os fatores determinantes de um fenômeno e as interações entre variáveis (Souza Pedroso; Silva; Santos, 2017).

O ato de pesquisar é fulcral na produção do conhecimento, uma vez que possibilita a sistematização e a verificação de informações, além de oferecer bases para o aprimoramento de teorias e práticas científicas. De acordo com Santos (2015, p. 21):

É necessário diferenciar um equívoco que é muito comum: ter Informação não significa ter Conhecimento. Podemos ter acesso a uma infinidade de Informações. Mas, o que fazer com tanta Informação? Somente escolhendo quais são as Informações significativas para nós, integrando-as ao nosso pensamento, associando-as de maneira pertinente é que, de fato, temos construção de Conhecimento. Esse processo ainda estará pautado pelo ambiente cultural em que se desenvolve, por prescindir das dimensões da percepção do ser.

A relação entre pesquisa e inovação é, particularmente, evidente nas áreas tecnológicas, médicas e sociais, onde descobertas científicas possibilitam melhorias contínuas na qualidade de vida e no desenvolvimento sustentável. No entanto, a inovação não se restringe ao campo tecnológico, podendo ocorrer em metodologias, políticas institucionais e práticas educacionais, entre outras áreas. A pesquisa, portanto, não apenas amplia o conhecimento existente, mas também oferece contribuições para a transformação da realidade, contribuindo para o progresso científico e para a resolução de desafios contemporâneos (Pinto; Baumgarten; Gomes, 2022).

Como percebido, o conhecimento gerado a partir de pesquisas rigorosas sustenta a tomada de decisões informadas e fundamentadas, auxiliando na formulação de estratégias e soluções em diversos campos do saber. Além disso, a pesquisa impulsiona a inovação ao viabilizar o desenvolvimento de novas tecnologias, processos e abordagens que respondem a demandas da sociedade, promovendo avanços científicos e econômicos.

5 INTERNACIONALIZAÇÃO

A internacionalização pode ser compreendida como um processo que envolve a ampliação das interações entre indivíduos, instituições, países, culturas e territórios, promovendo o intercâmbio de conhecimento, tecnologia e práticas científicas (Borini et al., 2006). No campo da ciência, a internacionalização se manifesta por meio da cooperação acadêmica, da realização de pesquisas

conjuntas, da mobilidade de pesquisadores e estudantes, bem como da disseminação de publicações científicas em periódicos (inter)nacionais (Santin; Vanz; Stumpf, 2016).

A internacionalização da produção científica é uma das principais preocupações da comunidade científica dos países emergentes na atualidade. O alcance internacional da produção tem constituído questão central nos debates sobre os rumos da ciência no século XXI, e as políticas e estratégias de internacionalização são cada vez mais frequentes no mundo todo. No Brasil, a ampliação dos acordos de cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) firmados com instituições estrangeiras tem contribuído para superar restrições da posição periférica do país em relação à chamada “zona central” da ciência (Santin; Vanz; Stumpf, 2016, p. 83).

Esse fenômeno resulta do reconhecimento da interdependência na produção do conhecimento global e local, sendo impulsionado pelo avanço das tecnologias de comunicação, pelo crescimento da colaboração entre universidades e centros de pesquisa e pelas políticas institucionais que incentivam parcerias transnacionais (Faria; Costa, 2006; Turra; Pinho; Andrade, 2021). Essa dinâmica evidencia não apenas a circulação de saberes em escala internacional, mas também a ressignificação dos contextos locais, que passam a dialogar com referenciais teóricos e metodológicos diversos, promovendo uma renovação contínua das práticas investigativas e ampliando o impacto das pesquisas no enfrentamento de desafios educacionais contemporâneos

A aplicação da internacionalização na ciência se dá, sobretudo, pela constituição de redes de pesquisa colaborativa, permitindo que pesquisadores de diferentes países compartilhem metodologias, dados e perspectivas analíticas. Essa dinâmica favorece, ainda, a diversificação das abordagens científicas e amplia o alcance dos estudos, reduzindo barreiras geográficas e promovendo uma circulação mais eficiente do conhecimento. Além disso, projetos internacionais viabilizam o acesso a fontes de financiamento diversificadas, proporcionando maior viabilidade para investigações de grande porte e possibilitando a inserção de países com menor infraestrutura científica no cenário acadêmico global (Turra; Pinho; Andrade, 2021).

A internacionalização da ciência também se reflete na adoção de línguas de circulação global, como o inglês e o espanhol, na publicação de artigos científicos, facilitando o compartilhamento e a difusão dos resultados de pesquisa. Contudo, esse aspecto pode gerar desafios, como a desigualdade de acesso a publicações e a necessidade de adaptação às exigências editoriais de periódicos de alto impacto. Ainda assim, o intercâmbio de informações científicas entre diferentes contextos culturais contribui para o avanço do conhecimento ao incorporar múltiplas perspectivas e ampliar a aplicabilidade das descobertas (Cunha, 2022; Silva; Araújo; Amorim, 2023).

Nas últimas décadas, temos observado nas universidades públicas brasileiras um movimento crescente de fomento a Programas de Mobilidade e Intercâmbio Acadêmico Internacional (PMIAI), estabelecidos a partir dos convênios de cooperação firmados entre as universidades nacionais e as Instituições Estrangeiras de Ensino Superior (IEES), buscando a inserção da educação superior brasileira no processo de internacionalização da pesquisa e do ensino e aprendizagem, por meio da troca de experiências e vivências formativas proporcionadas pelos referidos programas, demarcando, no cenário científico internacional, a produção e difusão do conhecimento por parte dos pesquisadores nacionais brasileiros (Silva; Araújo; Amorim, 2023, p. 3).

A relevância da internacionalização na ciência está associada à necessidade de responder a desafios complexos que transcendem fronteiras nacionais, como as mudanças climáticas, pandemias, segurança alimentar e inovação tecnológica. A colaboração internacional possibilita o desenvolvimento de soluções integradas para essas questões, utilizando expertise diversificada e promovendo abordagens interdisciplinares (Cunha-Melo, 2015). Além disso, a participação em redes globais fortalece a inserção das instituições científicas em debates estratégicos, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas fundamentadas em evidências e para a construção de uma ciência mais acessível e integrada.

Diversos programas e iniciativas ao redor do mundo têm sido implementados com o objetivo de incentivar a internacionalização da pesquisa, promovendo o intercâmbio acadêmico e a colaboração entre instituições de diferentes países. Essas iniciativas são impulsionadas tanto por organismos governamentais quanto por organizações internacionais e Instituições de Educação Superior (IES), visando ampliar o alcance da produção científica e facilitar o compartilhamento de recursos, metodologias e resultados (Haefner; Zanotto; Guimarães, 2021; Silva; Araújo; Amorim, 2023).

Um exemplo amplamente reconhecido é o programa Horizonte Europa, da União Europeia, que dá continuidade ao Horizonte 2020 e busca fomentar a cooperação científica transnacional por meio do financiamento de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Essa iniciativa incentiva projetos colaborativos entre universidades, centros de pesquisa e empresas, permitindo que pesquisadores de diferentes países desenvolvam soluções conjuntas para desafios globais. Além disso, o programa enfatiza a inovação e o impacto social da pesquisa, promovendo a integração entre a ciência e as necessidades da sociedade (Eurocid, 2025).

Outro programa de destaque é o *Fulbright*, estabelecido pelo governo dos Estados Unidos, que oferece bolsas para pesquisadores e estudantes de diversas nações, possibilitando a realização de estudos e pesquisas em universidades norte-americanas. Essa iniciativa visa fortalecer as conexões acadêmicas internacionais e estimular a troca de conhecimentos entre diferentes contextos científicos e culturais (Toscano, 2014).

No Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) atuam na promoção da internacionalização da pesquisa por meio de programas como o PrInt (Programa Institucional de Internacionalização). Essa iniciativa visa fortalecer a cooperação acadêmica internacional, incentivando a mobilidade de pesquisadores e a consolidação de parcerias estratégicas entre instituições brasileiras e estrangeiras. Além disso, agências de fomento estaduais e federais disponibilizam editais voltados ao financiamento de pesquisas desenvolvidas em colaboração com instituições internacionais (Rosa et al., 2021).

Em 10 de novembro de 2017, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) lançou o edital nº 41/2017, com vigência 2018-2023, cuja proposta principal foi inserir o Brasil no cenário competitivo e internacionalizado da educação superior. É importante ressaltar que esse edital refere-se a uma chamada institucional para um novo programa de financiamento de pesquisa para a pós-graduação, o qual se intitulou: “Programa Institucional de Internacionalização Capes-PrInt”. Esse programa visou fornecer recursos de custeio para incentivar a internacionalização da Pós-Graduação brasileira. Essa não foi a primeira iniciativa nesse sentido, mas representa um marco importante no processo.

Organismos multilaterais, como a Unesco (Taniguti, 2022) e o Banco Mundial (Nascimento, 2010), também promovem a internacionalização da ciência por meio de programas voltados ao desenvolvimento sustentável e ao avanço do conhecimento científico em países emergentes. Projetos dessa natureza buscam reduzir desigualdades na produção e difusão da ciência, proporcionando oportunidades para pesquisadores de diferentes contextos e facilitando o acesso a redes globais de pesquisa. No entanto, também é importante destacar, a respeito destes organismos, o que nos diz Nascimento (2010, p. 162):

Na sociedade atual, o fenômeno da globalização tem repercutido em todos os campos da vida em sociedade, sejam eles o tecnológico, o cultural, o político, o econômico e o social. Esse processo provocou a reordenação do Estado sobre novas bases, utilizando, para isso, as ideias neoliberais que redefiniram o seu papel, tornando-o mínimo para as políticas sociais e máximo para o capital. Esse processo tem originado também transformações globais que repercutem nos espaços nacionais, em especial, as políticas educacionais, que têm passado por uma série de reformas com a finalidade de se adequarem ao novo modelo desenhado pelo capitalismo e que exige cada vez mais uma maior qualificação para o trabalho.

Complementa Nascimento (2010), que diversos organismos internacionais, como a Cepal, a Unesco e o Banco Mundial, são ativos na difusão dessas concepções. Para orientar estratégias voltadas à ampliação do acesso a esse nível de ensino, essas entidades promoveram eventos e elaboraram documentos que também enfatizaram a cooperação entre países como um caminho para a organização

do ensino superior. Nesse contexto, a internacionalização foi destacada como um elemento relevante para o desenvolvimento social, alinhado às dinâmicas da chamada sociedade do conhecimento.

Essas iniciativas demonstram que a internacionalização da pesquisa não se limita à mobilidade acadêmica, mas envolve uma ampla gama de estratégias voltadas ao fortalecimento da cooperação científica, à diversificação das perspectivas teóricas e metodológicas e à ampliação do impacto da ciência na sociedade. O incentivo à colaboração transnacional contribui para o avanço do conhecimento em escala global, permitindo que pesquisadores acessem infraestrutura avançada, estabeleçam redes de contato e desenvolvam projetos com maior alcance e relevância científica, no entanto, este movimento carece de análise crítica, em relação ao quem eles buscam realmente beneficiar.

5.1 INTERNACIONALIZAÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

A internacionalização das ciências humanas tem sido, historicamente, atravessada por dinâmicas de subordinação epistêmica e geopolítica. Desde a década de 1970, observa-se que os países do Sul global, incluindo o Brasil, estruturaram suas políticas de formação acadêmica baseadas na trajetória dos países do Norte, consolidando um padrão de dependência acadêmica e epistemológica (Kreimer, 2011). Esse processo, conforme apontado por Mignolo (2011), insere-se em um contexto de colonialidade do saber, no qual as formas de conhecimento desenvolvidas no Sul são marginalizadas em favor das epistemologias eurocentradas.

A internacionalização acadêmica também está associada às dinâmicas de globalização do capitalismo e às práticas do que tem sido denominado capitalismo acadêmico. Esse modelo tem incentivado uma gestão universitária voltada à lógica de mercado, priorizando redes internacionais de pesquisa que reforcem padrões de avaliação estabelecidos no Norte global (Brunner et al., 2021).

Estudos como os de Mourão e Alves (2019) demonstram que essa tendência reforça padrões assimétricos de produção do conhecimento, nos quais pesquisadores do Sul global são, frequentemente, condicionados a validar suas pesquisas a partir de critérios estabelecidos por instituições e revistas de alto impacto sediadas em países centrais. Kreimer (2011, p. 56-57), apresenta o seguinte esclarecimento.

As comunidades científicas dos países latino-americanos (como em toda parte) não são espaços homogêneos de produção de conhecimento. Ao contrário, são organizações altamente segmentadas e em permanente tensão. Entre outras características, pode-se observar pesquisadores efetivamente integrados, que participam de programas de pesquisa internacionais, frequentam congressos regularmente, administram dados que os permitem orientar suas pesquisas para esta ou aquela direção e muitas vezes recebem subsídios de fontes internacionais. Por outro lado, há grupos e pesquisadores mal integrados, cujo grau de

internacionalização é deficiente – ou nulo – e que trabalham de modo isolado, por vezes orientados a necessidades locais, e que tentam frequentemente imitar as agendas de pesquisa dos grupos mais integrados.

As ciências humanas apresentam especificidades que tornam sua internacionalização um campo de disputa singular. Ao contrário das ciências exatas, cujos paradigmas são, frequentemente, aceitos de maneira universal, as ciências humanas e sociais estão enraizadas em contextos históricos e culturais específicos, o que cria tensões na sua projeção internacional (Castro, 2021). Castro (2021) mapeou estudos que apontam que pesquisadores do Sul que tentam formular teorias próprias são frequentemente ignorados ou têm suas contribuições reduzidas a aplicações locais de teorias formuladas no Norte. Essa assimetria reflete uma divisão internacional do trabalho acadêmico, na qual a produção de teoria se concentra no Norte, enquanto a periferia é relegada ao status de produtora de dados empíricos.

No contexto latino-americano, o pensamento descolonial tem oferecido uma análise crítica sobre os efeitos dessa internacionalização assimétrica. Quijano (2005) argumenta que a colonialidade do saber opera de forma a manter estruturas de dependência acadêmica e a marginalização de formas de conhecimento não ocidentais. Castro-Gomez e Grosfoguel (2007) reforçam essa perspectiva ao apontar que a imposição de um modelo universal de ciência oblitera experiências epistemológicas locais, reduzindo a diversidade de perspectivas.

Castro (2021) informa que alternativas a esse modelo têm sido debatidas, especialmente no que se refere à possibilidade de fortalecer redes de pesquisa Sul-Sul. Destaca-se a necessidade de criação de espaços de produção intelectual que priorizem a troca entre pesquisadores do Sul, reduzindo a dependência dos circuitos hegemônicos do Norte. Essa perspectiva é explorada por Nyamnjoh (2020), que defende uma ciência convivial, na qual diferentes epistemologias possam coexistir sem hierarquização.

A internacionalização das ciências humanas não pode ser dissociada das relações de poder que estruturam o sistema acadêmico global. O desafio reside em construir formas de internacionalização que não reforcem a subordinação epistêmica dos países do Sul, mas que possibilitem um diálogo efetivo entre diferentes tradições de pensamento.

Para tanto, é fundamental problematizar os critérios de avaliação acadêmica, repensar a distribuição de recursos para pesquisa e ampliar a circulação do conhecimento produzido no Sul global, garantindo que as ciências humanas possam contribuir de maneira autônoma para o debate acadêmico internacional.

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente que a internacionalização das ciências humanas demanda uma abordagem crítica e comprometida com a superação das assimetrias epistêmicas que, historicamente, marcaram a produção acadêmica entre o Norte e o Sul global. A partir da análise das tensões geopolíticas e epistemológicas que atravessam esse processo, compreende-se que a internacionalização não deve se limitar à inserção em redes hegemônicas, mas sim promover o reconhecimento e a valorização das epistemologias locais, contribuindo para uma ciência plural, contextualizada e socialmente engajada.

Nesse sentido, fortalecer redes de pesquisa Sul-Sul, fomentar espaços de intercâmbio intelectual entre países periféricos e ampliar a visibilidade das produções acadêmicas do Sul são estratégias fundamentais para reconfigurar os padrões de internacionalização vigentes. A construção de uma ciência convivial, como propõe Nyamnjuh (2020), exige o rompimento com modelos universalizantes e a abertura para o diálogo entre diferentes tradições de pensamento, reconhecendo a legitimidade e a potência das contribuições oriundas de contextos historicamente marginalizados.

Assim, o desafio contemporâneo das ciências humanas está em construir formas de internacionalização que não apenas ampliem o alcance das pesquisas, mas que também contribuam para a democratização do conhecimento e para a transformação das estruturas que sustentam a colonialidade do saber. Ao reposicionar o Sul global como produtor legítimo de teoria e reflexão crítica, abre-se caminho para uma internacionalização mais justa, horizontal e comprometida com a diversidade epistêmica que caracteriza a complexidade humana.

6 RESULTADOS

A presente revisão da literatura permitiu identificar que a internacionalização da pesquisa científica se estrutura a partir de interações entre países, instituições e redes colaborativas que visam ampliar o alcance e a circulação do conhecimento. Os estudos analisados destacam que essa dinâmica está associada ao aumento de cooperações institucionais, ao desenvolvimento de programas de mobilidade acadêmica e à participação em projetos conjuntos, especialmente aqueles financiados por agências nacionais e internacionais. A análise mostrou que esses mecanismos promovem a troca de metodologias, a diversificação de perspectivas teóricas e a ampliação do acesso a infraestrutura científica.

Outro resultado encontrado foi a ênfase nas políticas de incentivo e nas estratégias institucionais que buscam inserir universidades e centros de pesquisa em redes internacionais. Programas como o Capes-PrInt, no Brasil, e o Horizonte Europa, na União Europeia, foram citados com frequência como exemplos de iniciativas que estruturam esse movimento. A literatura também

destacou que, embora a internacionalização seja uma via de ampliação da produção científica, ela pode gerar dependência de financiamento externo e exigir adaptação às exigências editoriais de periódicos de alto impacto, aspectos que suscitam reflexões sobre autonomia científica.

Nas ciências humanas, os resultados apontam para um cenário mais complexo, no qual a internacionalização é atravessada por tensões epistêmicas e geopolíticas. A produção teórica dos países do Sul global foi descrita como frequentemente condicionada a agendas de pesquisa formuladas no Norte, o que limita a consolidação de perspectivas autônomas. Alguns autores sugerem o fortalecimento de redes de cooperação Sul-Sul como alternativa para reduzir assimetrias, defendendo estratégias que possibilitem maior circulação e reconhecimento das epistemologias locais.

7 DISCUSSÃO

Os resultados sistematizados demonstram que a internacionalização da pesquisa se apresenta como um fenômeno que articula cooperação científica, políticas públicas e interesses institucionais. Embora os benefícios para a produção do conhecimento sejam notórios, o debate acadêmico tem enfatizado que a dependência de editais e parcerias internacionais pode direcionar agendas de pesquisa, influenciando prioridades temáticas. Essa influência não ocorre de forma neutra, uma vez que os organismos financiadores e as instituições hegemônicas frequentemente definem critérios que moldam as formas de produção e divulgação científica, o que gera desafios para países que buscam autonomia em suas estratégias de desenvolvimento acadêmico.

No campo das ciências humanas, a internacionalização apresentou implicações ainda mais sensíveis, pois envolve disputas em torno de quais epistemologias são legitimadas no espaço acadêmico global. Parte da literatura questiona se a inserção de pesquisadores do Sul global em redes internacionais promove efetivamente a diversidade de perspectivas ou se, ao contrário, reforça um modelo de ciência centrado em padrões euro-americanos. A tensão entre universalização do conhecimento e reconhecimento de contextos locais torna-se um ponto central de análise, levando autores a defenderem o fortalecimento de iniciativas que estimulem o diálogo horizontal e a circulação de teorias produzidas em contextos periféricos.

Outro aspecto constatado refere-se ao impacto da internacionalização sobre a formação de pesquisadores e a distribuição de recursos. A ampliação da mobilidade acadêmica e o acesso a infraestruturas de excelência podem contribuir para o desenvolvimento de competências científicas, mas também podem acentuar desigualdades, privilegiando instituições com maior capacidade de captação de recursos e de articulação internacional. Dessa forma, a internacionalização precisa ser

acompanhada de políticas que garantam equidade de participação, sob pena de perpetuar a assimetria existente entre países, instituições e campos de conhecimento.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender a importância da internacionalização na ciência e na pesquisa acadêmica. A revisão teórica indicou que a internacionalização está diretamente relacionada à colaboração entre diferentes países, instituições e culturas, possibilitando o desenvolvimento de projetos conjuntos, a troca de conhecimentos e a ampliação dos recursos disponíveis para investigações científicas. Esse processo viabiliza o enfrentamento de desafios mais complexos ao integrar perspectivas diversas e metodologias distintas, resultando em avanços significativos para a produção científica global.

A expansão da cooperação internacional tem demonstrado impactos concretos na qualidade e na inovação da pesquisa. A mobilidade acadêmica, o financiamento de programas voltados à internacionalização e o intercâmbio de pesquisadores são fatores que contribuem para o fortalecimento das investigações científicas e para a difusão do conhecimento em escala global. No entanto, a adoção de políticas voltadas à internacionalização não deve ser conduzida sem um exame crítico sobre as motivações e os interesses de organizações que promovem e financiam essa agenda. A dependência de recursos externos e a influência de atores globais sobre as direções da pesquisa científica exigem um olhar atento sobre os impactos dessas relações no desenvolvimento autônomo da ciência nos diferentes países.

Nas ciências humanas, esse processo se revela particularmente desafiador, pois envolve disputas epistemológicas e estruturas hierárquicas que, historicamente, posicionam as produções intelectuais do Sul global em uma relação de subordinação em relação ao Norte. A predominância de modelos científicos eurocentrados e a centralidade de critérios estabelecidos por instituições hegemônicas impõem desafios à autonomia das pesquisas desenvolvidas em países periféricos. O fortalecimento da internacionalização exige, portanto, um exame crítico sobre os critérios de validação do conhecimento e as dinâmicas que regem a circulação das teorias e metodologias no cenário global.

As perspectivas futuras para a colaboração científica internacional apontam para um crescimento contínuo da interconectividade entre instituições de pesquisa, impulsionado pelo avanço das tecnologias digitais e pela ampliação de redes acadêmicas. O fortalecimento dessa cooperação depende da criação de mecanismos que garantam benefícios mútuos entre as nações envolvidas, assegurando que o intercâmbio de conhecimento ocorra de maneira equilibrada. Assim, a internacionalização da ciência pode se consolidar como um meio estratégico para expandir a produção

do conhecimento, desde que acompanhada de análises críticas sobre suas implicações e sobre as condições que regulam essas parcerias.

Retomando o objetivo geral deste artigo — analisar a internacionalização da pesquisa científica, com ênfase na colaboração entre países, instituições e culturas para o desenvolvimento de projetos conjuntos —, é possível afirmar que a discussão aqui apresentada contribuiu para uma compreensão ampliada e crítica desse fenômeno. Ao evidenciar os benefícios da cooperação internacional, como o fortalecimento da produção científica, a ampliação de recursos e a troca de saberes, também se destacou a necessidade de refletir sobre os limites e as tensões que permeiam esse processo, especialmente no campo das ciências humanas, onde disputas epistemológicas e assimetrias geopolíticas se fazem mais evidentes.

À guisa de uma conclusão, afirmamos que é urgente a construção de modelos de internacionalização que promovam o diálogo horizontal entre diferentes tradições de pensamento, respeitando as especificidades locais e fortalecendo a autonomia científica dos países do Sul global. A internacionalização, quando orientada por princípios éticos e colaborativos, pode se consolidar como uma estratégia potente para o avanço da ciência, desde que acompanhada de políticas que garantam equidade, reconhecimento da diversidade epistemológica e valorização das contribuições oriundas de contextos historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência. Ars Poetica, 1996.

AZEVEDO JÚNIOR, Ivânio. Ernst Cassirer e a objetividade das Ciências Culturais. Acta Scientiarum: Human & Social Sciences, v. 44, n. 3, 2022.

BORINI, Felipe Mendes et al. O prisma da internacionalização: um estudo de caso. Revista de Administração FACES Journal, 2006.

BRUNNER, José Joaquín et al. Variedades de capitalismo acadêmico: un marco conceptual de análisis. Education policy analysis archives, v. 29, p. 35-35, 2021.

CASTRO, Lucia Rabello. Políticas de internacionalização no ensino superior: desafios descoloniais para as ciências humanas e sociais. Revista Psicologia Política, v. 21, n. 50, p. 39-56, 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramon. El giro decolonial. Bogotá: Siglo del Hombre; Edit./Univ. Central, 2007.

CHIBENI, Silvio Seno. O que é ciência. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2004.

CUNHA, Josane do Nascimento Ferreira; DE MELLO, Irene Cristina; AKKARI, Abdeljalil. Mobilidade internacional em tempos de pandemia. Revista Prática Docente, v. 7, n. 1, p. e006-e006, 2022.

CUNHA-MELO, José Renan da. Indicadores efetivos da internacionalização da ciência. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 42, p. 20-25, 2015.

DALBOSCO, Claudio A. Educação e condição humana na sociedade atual: formação humana, formas de reconhecimento e intersubjetividade de grupo. Editora Appris, 2021.

EUROCID. Horizonte Europa - Programa para o financiamento da investigação e da inovação na União Europeia. 2025 Online. Disponível em <https://eurocid.mne.gov.pt/horizonte-europa>. Acesso em 10 mar. 25.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. Dados, v. 49, p. 159-191, 2006.

FLEURY, Maria Tereza Leme; COSTA WERLANG, Sergio Ribeiro. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. Anuário de Pesquisa GV Pesquisa, 2016.

HAEFFNER, Cristina; ZANOTTO, Sônia Regina; GUIMARÃES, Jorge Almeida. Internacionalização da universidade brasileira. Desafios e perspectivas na busca pelo padrão de universidade de classe mundial. Revista Brasileira de Pós-Graduação, v. 17, n. 37, p. 1-28, 2021.

KREIMER, Pablo. Internacionalização e tensões da ciência latino-americana. Ciência e Cultura, v. 63, n. 2, p. 57-59, 2011.

MIGNOLO, Walter. Geopolitics of sensing and knowing: on (de)coloniality, border thinking and epistemic disobedience. *Postcolonial Studies*, v. 14, n. 3, p. 273-283, 2011.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação por escrito*, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MOURÃO, Victor; ALVES, Daniela. A internacionalização dos grupos de pesquisa em bioenergia: formação de redes e estratégia político-científica. *Cadernos de Campo, Araraquara*, v. 27, p. 115-136, 2019.

NASCIMENTO, Maria Emanuele Macêdo do. A internacionalização do ensino superior e a formação inicial de professores: um estudo do Programa Licenciaturas Internacionais na UFRN (2010 - 2013). Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

NYAMNJOH, Francis. Decolonising the Academia: a case for convivial scholarship. Basel: Basler Afrika Bibliographien, 2020.

OLIVEIRA, Paulo. Transparência e Replicabilidade na Pesquisa Empírica em Direito: conceitos e ferramentas. Center for Open Science, 2018.

PENHA, Patrícia Silveira. A lógica da pesquisa científica de karlpopper: a falseabilidade como um critério de demarcação científica. *Revista Ideação*, v. 1, n. 46, p. 373-383, 2022.

PINTO, Pedro Marcus Rodrigues Valeijo; BAUMGARTEN, Daniela Silva; GOMES, Danuza Barros. Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde no Espírito Santo. Olhares a partir de uma residência em saúde coletiva da Bahia. In: 15º Congresso Internacional da Rede Unida. 2022.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 219-264.

ROSA, Cristyane Cesarino et al. O perfil dos gestores do Programa de Internacionalização (CAPES-PrInt). *Revista Estudos e Pesquisas em Administração*, v. 5, n. 3, 2021.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Internacionalização da produção científica brasileira: políticas, estratégias e medidas de avaliação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. Brasília, DF. Vol. 13, n. 30 (jan./abr. 2016), p. 81-100, 2016.

SANTOS, Hercules Pimenta. Quero entrar para um mestrado em uma universidade pública: dicas e orientações sobre seus processos e a elaboração de projetos de pesquisa, ação ou intervenção. 2019. Disponível em <https://ufmg.academia.edu/HerculesSantos>. Acesso em 10 mar. 25.

SANTOS, Hercules Pimenta. *Tecnologias e mídias educativas - Recurso eletrônico, e-pub.* 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

SILVA NETO, Antônio Cilírio; RODRIGUES, Arielly Rangel; RAMOS, Tatiana Thays. A sistematicidade das artes e o método pragmatista na semiótica. CADERNOS DO CNLF, V. XXVI, N. 03, p. 33. 2023.

SILVA, John Wolter Oliveira; ARAÚJO, Raiane Cordeiro; AMORIM, Ivonete Barreto. Internacionalização do ensino superior: perspectivas de mobilidade e intercâmbio estudantil na graduação da UNEB. Educação, p. e75/1-21, 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

SOUZA PEDROSO, Júlia; SILVA, Kauana Soares; SANTOS, Laiza Padilha. Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. JICEX, v. 9, n. 9, 2017.

TANIGUTI, Gustavo. Internacionalização das Ciências Sociais: a sociologia paulista e o Projeto Tensões da UNESCO. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 12, n. 1, 2022.

TOSCANO, Daniella. Os padrões da cooperação educacional – o caso dos Estados Unidos-Brasil, e Fulbright-CAPES. Boletim Meridiano47 vol. 15, n. 144, jul.-ago. 2014. p. 24 a 31.

TURRA, Alexander; PINHO, Roberto de; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. Cooperação internacional do Brasil em ciência oceânica. Ciência e Cultura, v. 73, n. 2, p. 12-15, 2021.

VAZ-GUIMARÃES, Francisco; MOURATO, Felipe Alves; ANDRADE, Wellington Gomes. O futuro de quem enxerga o próprio passado. Journal of Hospital Sciences, v. 1, n. 1, p. 1-3, 2021.